

## ENTREVISTA | SUZANA VARGAS

ESCRITORA, PRODUTORA CULTURAL E DIRETORA DA ESTAÇÃO DAS LETRAS

*‘Há que se trazer os criadores menos para perto da novidade que do novo’*

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

**A**pós 30 anos de excelência no ensino e na produção de oficinas de escrita, o Instituto Estação das Letras (IEL) virou uma das mais importantes incubadoras da criação literária no Brasil. Por trás de cada curso, lecionado online, há um coração que bate reverente à transcendência da palavra: Suzana Vargas. Egressa da Letras da UFRJ, com mestrado em Teoria Literária, a escritora e produtora cultural, autora de títulos obrigatórios como “Leitura: Uma Aprendizagem de Prazer”, cuida desse bunker do saber sempre assegurando para seu time de professores expressões de autoridade e de inclusão no estudo da arte da palavra. É só olhar para a sua URL, <https://www.estacaodasletras.com.br/>, para checar o que está em oferta neste semestre letivo. Há uma cartografia da arte de ler. Neste papo, Suzana fala dos dilemas da educação.

#### O que o corpo docente desta temporada do IEL aponta sobre os rumos da literatura?

**Suzana Vargas** - Os cursos e os mestres que estarão conosco nesta temporada tentam, de algum modo, trabalhar para dar aos participantes não apenas uma orientação técnica (no caso das oficinas) mas informações e leituras das quais aspirantes a escritores/as possam tirar proveito na condução de seu trabalho escrito. Procuramos caracterizar nossa grade de ofertas como uma formação literária informal. Tentamos oferecer um leque diversificado de opções que coloquem nosso aluno em contato, inclusive, com suas próprias insuficiências de leitura, de informação. Nossa perspectiva para esse ano ancora-se na oferta equilibrada entre leitura e prática, com clássicos e contemporâneos: Shakespeare e IA podendo conviver perfeitamente, desde que saibamos como fazê-lo. Temos à frente dos nossos cursos mestres como Luiz Antônio de Assis Brasil, Ninfa Parreiras, Luis Roberto Amábilé e André Stangl, todos eles com larga experiência nessa orientação que é realizada para - no máximo 10 a 15 alunos. O ensino literário hoje deve ter essa preocupação (como de resto todo ensino): há que se trazer os criadores menos para perto da novidade que do novo.

#### Como a programação reflete essa preocupação?

Apontando para a diversificação de vozes e protagonismos, bem como para as discussões sobre inteligência artificial. Gêneros literários e leitura integral de obras estão no nosso escopo, além das oficinas, que podem alavancar talentos e fazer surgir novos autores.

**De que maneira, no seu**

#### lugar de professora e coordenadora de cursos do Estação das Letras, você vê o hábito de leitura (de prosa e de poesia) hoje no Brasil?

O hábito da leitura no Brasil é sempre um mistério. Por um lado, o mercado editorial se queixa da falta de leitores. Por outro, nunca tivemos tantos movimentos, projetos, feiras e festas literárias no país. Nunca os escritores foram tão valorizados (profissionalmente inclusive) como hoje. Clubes de Leitura, concursos literários com 3 mil participantes podem significar que o hábito de ler está enraizado, mas obviamente não está. Escrever parece estar sendo mais fácil que ler. O hábito da leitura da literatura não avança apesar de inúmeros programas dedicados ao tema. Como professora, acho tudo maravilhoso, mas vejo pouca efetividade e ainda confio mais no papel da escola onde as crianças e jovens passam maior parte do seu tempo e numa nova forma de colocar a leitura e os livros lá dentro.

#### Existe a possibilidade de se falar em fenômenos (com os números de venda e além deles) na literatura que se faz hoje no Brasil? Se sim, o que esses fenômenos têm de brasilidade?

Com certeza, podemos falar em fenômenos de venda hoje no Brasil, o que não acontecia há 20 anos atrás ou acontecia em pequena escala. Isso se deve à quantidade de livros lançados atualmente, tanto que já não é mais possível acompanhar. Uma nova safra de best-sellers como Carla Madeira, Raphael Montes, Socorro Acioli fala de uma população com graus de informação e interesses diversos e de um Brasil leitor interessado em



Alexandre Brum/Ag. Enquadrar

“O hábito da leitura no Brasil é sempre um mistério. Por um lado, o mercado editorial se queixa da falta de leitores. Por outro, nunca tivemos tantos movimentos, projetos, feiras e festas literárias no país. Nunca os escritores foram tão valorizados como hoje”

crises subjetivas, violência urbana, racismo, tradições afro, também na memória, na oralidade, ancestralidade e nos nossos processos históricos, inclusive os recentes.

#### Como você avalia o lugar da crítica hoje na produção intelectual literária do país?

Estamos vivendo, um momento de muita atividade editorial, mas não somente no setor de livros. As mídias, as novas formas de comunicação produzem muito material e já não é possível acompanhar a produção total.

Ficamos apenas com alguns recortes, mas que já estão avançando além do Rio e de São Paulo. A literatura gaúcha viceja de forma quase independente. O Nordeste e o Norte começam a mostrar sua cara. A penetração das publicações facilitou bastante esse movimento. Em contrapartida, os jornais e as revistas minguaram, muitos fecharam e não mantêm mais suas páginas dedicadas especialmente à crítica literária que - se existe - fica restrita às universidades. Já não ouvimos falar em críticos literários ou, mesmo, historiadores da literatura brasileira.

Os jornais e revistas tradicionais que sobrevivem limitam-se a - quando sobra espaço - divulgar alguns títulos lançados com sinopses rasas. Raramente vemos matéria crítica, a não ser na mídia independente. Citaria o “Jornal Rascunho” como um dos mais atuantes na área. Importante falar também nos concursos literários que se alastram pelo país. Por incrível que pareça, eles estão, em certa medida, dando forma àquilo que se poderia chamar de crítica literária hoje e, ao mesmo tempo, revelando talentos de Norte a Sul.